

BRASIL-PORTUGAL

16 DE SETEMBRO DE 1899

N.º 16

A PESTE NO PORTO



O bacillus da peste

Uma rua no Barrêdo

No cordão sanitário

Uma rua do bairro da Sé

A queima d'uma casa

Chronica Electrica

ESTRIMENTOS O INVERNO, não abre á expansão intellectual a valvula de vivas emoções que, na atmosfera oxigenada dos assumptos de theatro, da politica da lareira, do escandaloso marital, tornam esta cidade pacata alguma coisa pittoresca, olhem os arredores de nós por essas desertas ruas a ver se já encontramos as banhistas de regresso, que foram desinfectar o corpo nas aguas costeas do paiz ou tonificar os broncheos na brisa pura dos pinheiros do campo.

Mas não vieram ainda as andorinhas! É a cidade tem, á tarde, um aspecto melancolico de virgem contureira de quanto andar, bella na sua viveuz de solteira, sem carmin nas faces eburneas e com canteiros de violetas nos olhos de phytica scismadores, tranquilos como um lago.

De dia, tomada do movimento especial da labuta hodierna, parece-nos uma *menagerie* laboriosa e honesta, sem atavios, nem preocupações aladas.

Pela noite, á hora constitucional, Lisboa recolhendo aos penates, em demanda do *cançado chá que ferve*, os perallicipèdicos pombalinos, os betumes sem as aguas vivas de gente, as ruas, emfim, escodadas, dão-nos a impressão de uma cidade morta, abandonada.

Sente-se um vasto enorme na falta de pessoas que se viam fazer todos os dias o mesmo merediano, certas e determinadas creaturinhas conhecidas ou ignoradas que salpicavam por entre a multidão, destacando pela polichromia dos trajes importados do *Prinemps*; é a falta a nota berrante, e este ou aquelle tipo offebachiano, já esquecido, não nos vem chamar á realidade da vida quasi civilisada da terra de Ulysses.

Por mais que se moirreje nos acontecimentos de extra-fronteira alguma coisa para attenuar a monomia nacional, quando lá fóra se ferem luctas sensacionais, tão melodramaticas como a questão de Dreyfus, tão comicas como o bloqueio da rua de Chabrol, é impossivel desempanarmos os olhos da saudade que as nossas compatriotas em villigiatura nos deixaram na alma pelo hype-patriotismo que nos acredita em todo o mundo como Dons Juans trovadores, sem as consequências nosologicas do herois de Guerra Junqueiro!

Nem a peste nos enruga o coração, nem esfria nos labios a flor rubra da sentimentalidade, — um caracteristico de raça que efflora ahi pelos cancioneiros populares n'esta lebre amorosa de atavicas unções...

Porque por mais que o lusiada permança na ideia de se desnaturalisar, importando a decadente *mise-en-scène* do longiuquo progresso, elle é ainda fibrado de tradições que não morreram e que hade herdar a sua prole.

É tanto isto é verdade que a vida nacional sem as camaras abertas, por onde se faz a escocante da rhetorica prolixa, sem os theatros com revistas para se estudar geographia anatomica nos bustos das actrices, sem as praças de touros abertas a um publico na sua maioria ignôra, não arranca a nota sensacional e taumachica do artigo na folha de couve, do hebdomadario desconhecido, não levanta a critica chaldá da peca, não atira viças ao ministro perspectivado, não dá, em *summa*, logar ao commento picaro da opinião que em politica conhece, de côr, o Fontana, em arte theatral ouviu falar no Antonio Pedro e adora os *clowns*, e de toureiros lembra-se ainda do Peixinho.

Porisso tudo quanto sãia fóra cá do rincão patrio, sobretudo á beira do outomno, quando as folhas adregam de cair, não tem para o bom portuguez que, se pressa, altura de um covado de perspectiva.

Aguardemos que o inverno nos traga, de volta com as andorinhas da capital, alguma coisa fresca como as tres estrelas dramaticas da França, a vêr se, applaudindo-lhes o talento, podemos por essa forma brilhante protestar contra a maior iniquidade que esse paiz acaba de commetter, com manifesto assombro de todo o mundo.

BRASIL PORTUGAL.

O presidente da Republica Argentina no Brasil

A visita que o incito general D. Julio Roca acaba de fazer ao Rio de Janeiro, vem apertar mais os vinculos de amizade que ligavam a prestigiosa Republica Argentina á nobre Nação Brasileira.

As bandeiras que, por duas vezes, se tem unido na defeza da mesma causa, em prol dos sacratissimos direitos da liberdade, as bandeiras que tremularam juntas em Monte Caseros e no Paraguay, entrelaçaram-se agora, n'este momento historico, em que os dois n'os taveis paizes fraternisaram cordalmente, em que os canhões dos navios das duas potencias amigas acenderam seus fogos para mutuamente se saudarem na linda bahia fluminense.

Tudo merece o primeiro magistrado d'esse grande paiz — a Republica Argentina. A todas as honras tem já o brilhante militar que hoje preside aos destinos d'esse bello rincão do livre America — immensa lousa onde se escrevem as equações da civilisação moderna, como disse Castelar n'um dos seus vibrantes discursos parlamentares. O general D. Julio Roca tinha conquistado *un place marquant* na sociedade do seu paiz antes de ascender ao alto cargo de chefe do Estado, que pela segunda vez occupa, mas onde nunca desceu sulir levado na espiral do cyclone revolucionario, ou nas dobras da bandeira escarlate que se agita sobre as barricadas. E' tolerante, justiciero, corajoso, e olvida facilmente as offensas que o visam, porque, para elle, são como aquellas coisas minimas de que o pretor romano já-mais se occupava.

Nem a espuma dos libellos, nem a baba da calumnia o podem attingir.

A popularidade está, muitas vezes, em qualquer coisa. O penteado bizarro e a *toilette* descuidada popularisaram a Marat, o chapéo pequeno e a *redingote grise* a Napoleão Bonaparte, o guarda-chuva popularisou a Luiz Filipe, a pequenez de corpo á Thiers, a corpulencia a Gambetta, a orchidea na boteira da sobrecasca ao rigidissimo ministro inglez Chamberlain. Mas a popularidade de D. Julio Roca filia-se em causas muito differentes. Elle popularisou-se pela distincção do seu espirito illustradissimo, pela energia do seu caracter, pelos seus dotes primorosos de estadista, pelo brilhantismo da sua espadada inequebravel, que tantas vezes se tem desembanhado ao ruido da fuzilaria, da trovoadá das baterias, do tinir rispido das armas, dos clarins e dos tabores batentes, quando a geometria das balalhas traça complicadas figuras sobre o terreno.

O actual presidente da Republica Argentina, sempre fiel aos seus principios, tem a sinceridade politica como norma inalteravel.

Nem podia deixar de a praticar o homem que, para seu proprio uso, formulou este pensamento: — «A *nimera systematica*, tarde ou cedo, tem o castigo da indifferença publica.»

Um povo, diz Lord Beaconsfield, só pode conservar sua grandeza ficando fiel aos principios que lh'a fizeram conquistar. E o que se diz das entidades collectivas pode-se dizer de qualquer das suas unidades componentes.

A grande republica Platina é um paiz prosperissimo. O seu espantoso movimento commercial, a sua importantissima exportação de lã, o vasto desenvolvimento das suas rudes ferro-viarias e telegraphicas, a sua florecente industria agricola, a sua esquadra poderosa, a sua alta cultura scientifica alimentada por homens como Carlos Calvo, Montes de Oca e Obarrío, o seu *periodicismo* admiravelmente feito, e em que se destacam joruaes como *La Nación*, *La Prensa* e a *Tribuna Nacional* — tudo contribue para lhe dar um posto assignalado no convívio das nações da America Latina.

O general Roca deve ir satisfeito pela fidelidade da recepção. E ao apartar-se das plagas brasileiras, levará saudades que, talvez, sejam eternas, como eternas são as scintillantes vivezes do *crucero do sul* — saudades de um povo que se adorna com a fina flor da polidez, saudades dos salões festivos, illuminados ainda mais pelos olhos fascinantes das gentis brasileiras do que pelas luzes borbulhantes dos lustres, saudades d'essas noites azules, desabrochadas sob a lua redonda e branca que salpica de estrelas movejidas a ampla bahia do Rio, saudades d'esses esplendidos occasos, em que, quando mirados do Covadão, se vê o sol engolhar n'uma emphase incomparavel de purpura e oiro. E no remanso do seu palacio em Buenos-Ayres, deve sentir desejos de tornar ao Brasil, porque sente saudades, se é que, na phrase de um folhetinista eminente, as saudades não são de desejos voltados...

PINTO DE CARVALHO. (Tinop).

A galeota de D. João VI

A galeotas reaes foram as succedaneas dos batéis, galés e bergantins, de que se serviam os antigos soberanos portuguezes para passearem o Tejo, ou emprenderem breves viagens costeiras, e que eram adereçadas luxuosamente. Cita-se, por exemplo, a embarcação em que el rei D. Manuel fez transportar sua filha, a formosa infanta D. Beatriz, do Terreiro do Paço para bordo da esquadra que a levou a Niza (Saboya). Citam-se tambem as galés que Filippe III mandou vir de Hespanha para se fazer conduzir de Belem até ao Terreiro do Paço, no dia da sua entrada solemne em Lisboa. Estas galés tinham algumas pareanças com os bergantins que ainda existiam no Tejo em 1834, um chamado *Monte de Oiro*, que pertencera a D. João VI, e o outro chamado *Doiradinho*, que fóra de D. Miguel.

O primeiro bergantin real que se construiu no nosso paiz, com a riqueza propria, foi o que se fez por occasião do casamento do malfadado Alfonso VI com D. Maria Francisca Isabel de Saboya; o primeiro bergantin real que teve canara envidraçada (uso que desde então ficou) foi o que serviu para o recebimento de D. Maria Sophia de Neubourg, segunda mulher de D. Pedro II.

D. João V mandou proceder á feitura de um bergantin, que devia ser de uma opulencia verdadeiramente rochachidiana, se attendermos á prodigalidade ostentada d'aquelle monarca. Basta á dizer que, quando elle regressou a Lisboa, vindo da embaixada com o rei de Hespanha na fronteira do Alentejo, embarcou no Montijo, e o seu bergantin era escafoado por trinta escafoas e mais de dizeitos barcos empavezados com bandeiras e galhardetes multicores.

No tempo de D. Maria I, sendo ministro da marinha Martinho de Mello e Castro, construiu-se um magnifico bergantin real, que tinha cerca de 30 metros de comprimento e era movido por 40 remos e 120 remadores.

Possuia bellas pinturas e obra de talha devidas a artistas consummados, uma riqueza quasi eolopatrina, que, aos amadores de comparações historicas, faria recordar a galéra em que a *Venus de Milo* partiu ao encontro de Marco Antonio. Foi n'elle que embarcaram D. João VI e a familia real, quando chegaram a Lisboa, de volta do Brazil, em 1821.

Entre as muitas riquezas que este rei levou para a Terra de Santa Cruz em 1807, incluem-se algumas galeotas reaes, que por lá ficaram para sempre. A nossa gravura representa a chamada galeota de D. João VI, na qual o presidente da Republica Argentina realizou o seu desembarque.

A magnificencia das nossas galeotas reaes deixou sempre a perder de vista a das embarcações congéneras do estrangeiro.

A PESTE



Dr. Cunha Bellem

Insciável e no anseio de tudo prescrutar e desvendar, a sciencia, essa febril conquistadora dos segredos da natureza, tudo vae despoietando e despindo dos atavios da phantasia, que engalanava de flores os mais formosos phenomenos naturaes ou entenebrecia de horrores os mais pavorosos acontecimentos, emprestando a una e aos outros, para realce da belleza ou exaggero da fealdade, somma não escassa de productos da imaginação viva e ardente, de fé, que degenerava em credulidade, de mysticismo, que fazia intervir, directa e indirectamente, o poder supremo de Deus em todos os incidentes, que alteravam a normalidade da vida social dos povos.

Era assim que a epidemia assoladora não passava de uma manifestação da colera divina, quando não vingança celeste a castigar as iniquidades dos mortaes; e qualquer que fosse a religião, pantheista ou espiritualista, os miseros flagellados com o açoute epidemico, mais cuidavam em applicar a ira do ceu, que em lutar braço a braço com as causas materiaes e positivas do mal que os affligia e que os dizimava em pavorosas hecatombes.

Quando foi da peste antonina, acontecida cinco seculos antes da era christã, quando foi da peste de Athenas, por occasião da guerra do Peloponeso, ou mesmo na pavorosa peste de Marselha, relativamente recentissima, houvesse alguém com audacia para dizer que nada havia mais simples e natural do que a causa d'essas epidemias, celebres na historia, e duvidosamente, as primeiras, progenitoras da actual peste bubonica! houvesse alguém com osio para afirmar que um micro-organismo, um ser infinitamente pequeno, que matava para viver, era a causa da doença, e que, combatida a

causa, tal como se combatiam os inimigos visiveis, o homem, dotado por Deus com uma intelligencia superior, podia cantar victoria e levar de vencida o adversario invisivel!

Veiu porém a sciencia e inventou o microscopio, essa maravilha da physica, que deixa deavassar a vida dos infinitamente pequenos, veiu a biologia, no seu incansavel fôrço de tudo explicar, e descobriu o microbio, vieram os investigadores, de conquista em conquista, e conseguiram isolar e cultivar o bacillo da peste; e o que o mundo antigo considerava como de origem infinitamente grande, do poder sobrenatural da divindade irada, tornou-se apenas o producto de um infinitamente pequeno, descoberto por Yersin e por Kitasato, quasi ao mesmo tempo!

Se o poder supremo, que dá vida e leis aos animaes gigantescos e aos microbios, que deixa nos palmos d'Africa o leão angustiado, e nos pantanos do Levante o bacillo da peste, destina, nos inescrutaveis mysterios da sua vontade, os povos que hão de lutar com a fera ou que hão de abrir campanha contra o ser invisivel, mas não menos mortifero, dá ao homem culto os recursos da sciencia para o combate, n'un e n'outro caso; e a boa espingarda certaíra que derruba o rei das selvas é da mesma origem e procedencia que a estufa de desinfecção que dá morte prompta e segura ás myriadas de colonias dos bacillos pathogenicos, sejam os de Koch, productores uns do cholera asiatico, outros da tuberculose, mais terrivel que todas as pestes, sejam os de Eberth que produzem a mortifera e generalizada febre typhoide, sejam, entre tantos outros, os de Yersin, d'onde deriva a peste bubonica, hoje em evidencia no nosso paiz, visto que a cidade do Porto teve o triste privilegio de lhe dar acolhida e de o deixar desenvolver dentro dos seus muros, mercê da sordidice que alli se encobria com as galas de muita opulencia, feita pela actividade commercial e industrial.

Ah! A febre das riquezas, que parece ter como castigo directo a diffusão das grandes epidemias exoticas!

De toda a parte do mundo se traz a mercaderia, que representa dinheiro, a toda a parte do mundo se leva a mercaderia, que é o producto da industria cada vez mais intensa, e n'esto permutar constante e n'estes contactos de cada dia com paizes onde os microbios do cholera, da peste e da febre amarella têm assentado os seus arraiaes permanentes, quantas vezes, a despeito de muitas, mas não de todas, as precauções, com os generos commerciaes, que são a opulencia, se introduzem tambem os micro-germens, que são a morte, a devastação, a miseria e a fome!

E se umas nações ha que, como a Inglaterra, para todas as facilidades concederem ao commercio, não olham a despezas para se precaverem de recursos com que suffoquem qualquer tentativa de invasão epidemica, outras ha menos providentes, que, sem arrojamento nem perseverança para gastarem o necessario com as precauções sanitarias, querem seguir-lhes o exemplo nas facilidades commerciaes, tendo em resultado o desastre inevitavel!

E depois, se nas grandes epidemias da antiguidade, era frequente ver parallelas outras epidemias de loucura, como a que deu origem aos flagellantes, especie de seita fanatica, que, castigando o proprio e o alheio corpo, julgavam applicar a colera celeste, hoje tambem apparecem delirios, em face da peste ameaçadora, com a differença apenas de que essas vesanias, outr'ora tendentes a salvar as almas, têm na actualidade um fim mais positivo e prosaico de salvar as riquezas ou de não perder a occasião de conquistal-as.

Com menos poesia decerto, os homens são sempre e serão os mesmos, na essencia da sua individualidade de barro fragil e de feozes egoismos!

A. M. DA CUNHA BELLEM.



PORTO



Bairro da Sé onde se temo dado quasi todos os casos de peste!

A peste no Porto



AINDA não está averiguado qual foi o verdadeiro vehiculo que trouxe a peste do Levante, como archaicamente se lhe chamava, e hoje, peste bubonica. Nem é coisa para estranhar, visto que o facto nosologico, quasi totalmente desconhecido,

sobretudo, para os inscientes, se apresentou com uma symptomatologia, em que os proprios technicos viram caracteristicos benignos e de pouca intensidade attenta a assustadora propagação que o terrivel morbo tem nas regiões asiaticas, onde é endemico.

Averigou-se, entretanto, que um carregador de bordo chegou uma tarde á casa, onde residia, n um estado bastante afflictivo e, quando assim doente, se aggregou aos outros seus camaradas — n aquelle verdadeiro curral de gente — situado na rua da Fonte Taurina, os companheiros supuzeram-n o bebado.

Mas dentro em pouco os outros carregadores viram que se haviam enganado, porque o homem apparecera morto na retrete, sem se saber até hoje qualquer outro pormenor d'este primeiro caso que n'essa occasião não levantou alarmes, nem provocou inquietações, por não ser conhecida a causa que victimou o pobre arrejão. Ao enterro d'elle foram, é claro, muitos dos seus confrades, alguns dos quaes o tinham vestido e amortalhado. No dia seguinte adoeceu outro e, depois, mais com intervallos pequenos, dando-se estes casos, mais ou menos, nos individuos que estavam em contacto directo com os primeiros atacados.

Ao começo, porém, nenhuma das pessoas proximas aos infectados tinha perfeita consciencia do facto, nem podia suppôr de que doença se tratava.

Por esta occasião viera ao Porto, com um carregamento d'algodão, proveniente de Bombaim, o vapor *City of Cork*. Sabendo-se que a peste existia n'aquelle porto, tanto bastou para se suppôr d'ali a proveniencia do microbio trazido nas serapilheiras dos fardos, pois que a epidemia havia de ter alguma porta de entrada. E não foi sem razão que a principio se deu curso a esta atoarda justificada, enquanto não houve outra mais plausivel.

O navio, porém, de que se dissera trazer a peste, desmentiu esse boato com a sua carta limpa que o deixava entrar em todos os portos sem reservas, nem quarentena, porque, com effeito, não tinha registado a bordo nenhum caso suspeito.

Os carregadores da tal casa de malta da rua da Fonte Taurina, que ali viviam como animaes, uns quasi sobre os outros, em pilha, foram adoecendo successivamente, até que o caso produziu inquietações.

O bairro do Porto, em que está situada esta rua, é verdadeiramente uma lastima, sob todos os pontos de vista. E a casa onde os carregadores se empilhavam era imunda, fetida, lobrega, a mais não poder ser.

Quem uma vez visitou bairros pobres, onde se acoitam os miseraveis, como em verdadeiras pocilgas infectas, onde todos os recursos de limpeza parecem um contrabando e onde as condições atmosfericas são um constante perigo, não deve estranhar a descripção que ora se faz d'aquelles imundos bairros da Fonte Taurina, Reboleira e Guindães, porque ella excede a todas as presumpções.

A casa da Fonte Taurina está muito longe de ser o que são algumas de Lisboa nos bairros de Alfama e não tem parentesco com as dos gallegos de cá, que n'este ponto de vista são verdadeiros brinços de azeite confrontadas com a da rua em questão.

Esta não passa de uma cançoga secular que já vem mencionada n alguns documentos do



Coll. de A. Ramos (Porto)
Rua da Fonte Taurina onde se deu o primeiro caso de peste

seculo xiv. E' quasi parallela ao rio e está separada d'este por uma fita de casas de cima do Muro dos Bacalhoeiros. As trazeiras d'estes predios entestam com a rua da Fonte Taurina, cujos pardiões são muito esguos e altos, unidos quasi, pelos telhados, uns aos outros e cujos intervallos na base pouco mais dão do que para a passagem de uma pessoa. Esta circumstancia torna aquelle bairro sombrio e soturno, como de resto são muitas das ruas do Porto, desde Reboleira até Guindães.

Pois foi ali, n'essa rua, no predio que tem os n.ºs 88, 81 e 60, que o foco epidemico se localizou. N'aquellas immedições ha sempre

uma grande quantidade de gallegos que na maior parte se empregam na carga e descarga de vapores. E, como se vê, o boato tinha razão de ser, attribuindo-se a um d'aquelles carregadores, que trabalhara na descarga do *City of Cork*, o primeiro caso de peste e, se não houvesse outros fundamentos, que mais tarde o desmentiram, seria evidentemente para ali que teriamos de lamentar a invasão.

Bastou, entretanto, a noticia, de que o terrivel bacillus estava a contos com os habitantes d'aquelle bairro para que as opiniões se concertassem, todas á uma, considerando a rua da Fonte Taurina como um terrivel foco de epidemias, ainda quando não se tratasse de um caso tão desolador e de tanta irradiação.

Effectivamente, a Fonte Taurina, para onde começaram a convergir todos os olhares, esta apta para deixar desenvolver não só o microbio da peste mas os de todos os infinitamente pequenos de outra qualquer epidemia.

Foi assim que pelos meados de junho ou começo de julho, a existencia da peste bubonica era conhecida, mercê de uma carta do dr. Ferreira da Cunha, publicada em varios, jornaes o qual parece fora medico assistente de um dos infectados e tivera occasião de diagnosticar o microbio authentico.



Dr. Ricardo Jorge



Cidade de A. Ramos

Rua Escura — Casa onde se deram seis casos de peste

O illustre medico municipal, dr. Ricardo Jorge, impressionado, sem duvida, com esta noticia, tratou de averiguar o que havia de verdade n'ella.

E, com effeito, não tardou a fixar-se na mesma opinião d'aquelle seu collega, opinião que depois disse a outros clinicos, conforme o declara o dr. Maximiliano Lemos n'umas considerações scientificas, publicadas n'um jornal da manhã, da capital.

Nos principios de julho, portanto, a existencia da peste no Porto era um caso averiguado e scientificamente reconhecido.

O dr. Ricardo Jorge, cuja opinião estava formada sobre a molestia, mandou, no entretanto, o bacillus ao seu collega, dr. Camara Pestana, director do Instituto Bacteriologico de Lisboa. O illustre bacteriologista constatou, tambem, a existencia do bacillus da peste bubonica e participou immediatamente o facto ao sr. presidente do conselho para ser tomado na devida consideração.

Parece, porém, que da conferencia do director d'aquelle Instituto com o chefe do governo, houve melindres muito justificaveis para o dr. Pestana, que para fazer corroborar as suas opiniões, remetteu, por seu turno, o bacillus para Paris, afim de ali ser tambem examinado.

A resposta não se fez esperar e foi o Instituto Pasteur, o percursor do sóro anti-pestifero do dr. Yersin, quem respondeu reforçando, se era possível, as opiniões autorisadas dos medicos portuguezes.

As providencias do governo impunham-se, porque das opiniões dos entendidos inferia-se o serio cuidado a haver com semelhança molestia para a debellação da qual todos os meios prophylaticos pareciam poucos.

Mas, como a epidemia apresentava um caracter benigno, estacionario, pouco progressivo, não obstante a media da morbidade e da mortalidade ser terrivelmente assustadora nas regiões, onde ella grassa com toda a celeridade, os animos aquietaram-se um pouco até aos meados ou fins do mez de julho, sem que grandes signaes de perturbações transparecessem.

Por outro lado, a tetrica nova, cahindo de chofre no povo, percorrendo de lés a lés todo o paiz, acarretaria a todos um pavor não difficil de computar. O Porto resentir-se-hia immediatamente d'essas consequencias, vendo-se prejudicado nos interesses economicos, com as suas officinas paradas, paralyzada a vida commercial e a industria sem braços — uma outra peste não menos terrivel — a miseria.

O tempo ia correndo. Do

Porto chegavam todos os dias noticias que não eram para aterrorizar ainda os espiritos mais pávidos, e os jornaes portuenses não pareciam inquietos, nem preoccupados com a terrivel epidemia.



Dr. Camara Pestana

Os casos succedidos desde que se dera pela peste, montavam, nos meados de julho, a 14, os quaes foram assim distribuidos: 11 na Fonte Taurina, 2 nas Arcadas de Guindães e 1 na rua dos Mercadores.

Esta mortalidade não apresentava, como se vê, tendencias de grande alastramento.

Na chusma de *interviews*, que começaram a apparecer em todos os periodicos, em chendo columnas e columnas de jornaes, expandiam-se as opiniões autorisadas que concertavam e diagnosticavam os meios para debellar a peste, e foi d'este modo que o publico se foi a pouco e pouco elucidando, preparando-se para receber o terrivel inimigo que, segundo todas as probabilidades, estava em vesperas de bater á porta de todos os lares, caso não fosse combatido com exito.

A opinião, em geral, de todos os medicos era que a peste bubonica do Porto se apresentava muito attenuada, o que ainda assim não era motivo para regosio, porque que ella ainda não encontrara, talvez, condições proprias para irradiar com intensidade, esperando occasião de menos calor para tomar maior desenvolvimento.

Porisso havia muito tempo para pôr em pratica todos os meios aconselhados pela demographia e hygiene publicas e não foi sem opportunidade que de todos os lados surgiram opiniões, alvitre, conselhos de varias especies concernentes todos ao fim commum de debellar a epidemia ou, pelo menos, de a attenuar.

O que, acima de tudo, punha nos corações um grande susto, era o estado prophylatico do Porto que, sem exagero algum de ma vontade, ou de precipitados juizos, é incontestavelmente muito menos hygienico do que o de Lisboa.

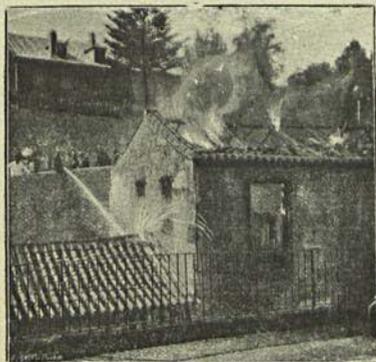
Pelos começos do mez transacto, o sr. presidente do conselho

autorisou o dr. Ricardo Jorge a tomar todos as providencias que o caso reclamava, concedendo á camara do Porto uma verba especial para satisfazer ás despezas sanitarias com as medidas exigidas que scientificamente se careciam para tal fim.

Entretanto, outras medidas de maior vulto não appareciam. Em geral parecia esperar-se da providencia divina complacencias ou suppunha-se (mercê da ignorancia provavel do caso scientificamente) que a peste bubonica, intertando-se na *brandura dos nossos costumes*, se attenuaria, como que por

encanto, indo se embora com preces e exorcismos.

Mas apesar dos jornaes do Porto declararem, quasi todos pelo mesmo côro, que não havia peste, ou que, se alguns casos anormaes se tinham dado, eram elles, com effeito, de uma doenca infecciosa, de caracter epidemico, mas sem confecção do terrivel morbo. Um dos jornaes da cidade invicta expendeu, nos meados de julho, que ainda

Conselheiro Pina Callado
Governador Civil do PortoA queima d'uma casa infeccionada
Os bombeiros evitando que o fogo se propague ás casas vizinhas

não vira a declaração *coram populo* que algum medico conhecido tivesse feito. E, comtudo, por essas alturas reunia-se ali a Sociedade de Medicina e Cirurgia, sob a presidencia do dr. Augusto Brardão, em cuja assembleia se deliberou, após varias discussões, por unanimidade, que era a genuina, a autentica peste bubonica que estava no Porto.

Por essa mesma occasião, reuniu-se, tambem, a commissão administrativa do hospital da Misericordia do Porto, que accordou em nomear o pessoal para o edificio destinado aos pestiferos, no caso de a peste se propagar, o qual se resolveu ser o das Guellas de Pau.

A agitação na cidade recrudescia: os commerciantes, á frente dos quaes se perspectivava o presidente da Associação Commercial, Leopoldo Mourão, reclamavam perante os poderes publicos, affim de obstarrem ao cordão sanitario que a junta de saúde publica tinha encomendado com uma imprescindivel necessidade.

O presidente da camara municipal, o sr. Sebastião Pereira de Lima, vendo os negocios de seus muncipes mal encaminhados e, sabendo que os seus honros officios junto do governo não fructuam resultado, pedira a sua demissão. Finalmente, a 19 do mez passado appareciam, pela primeira vez, no *Diario do Governo* as instruções sobre os passageiros em transitio nos caminhos de ferro, bigagens, etc., medida esta que era uma especie de contemporisação e que protelava, por algum tempo, o circuito militar em volta do Porto.

D'ali choviam as recriminações sobre a imprensa da capital, que era toda mais ou menos unisona nas energias providencias que o caso reclamava dos poderes publicos. O governador civil, o sr. Pina Callado, era accusado pelos portuenses como incompetente para arcar com as difficuldades do momento; o governo, por seu turno, não dava explicações categoricas sobre o assumpto. E assim vimos chegar o dia 24, vespera das grandes agitações no Porto.

Foi neste dia que appareceu oficialmente decretado o cordão sanitario, cuja deliberação o governo tinha guardado para o fim, como se esperasse já de antemão as consequências que elle produzia.

De facto, o cordão sanitario não podia ter sido mais mal acolhido pelo Porto. A rede militar, que estabelecia ao arredor da cidade, isolando-a de todo o paiz, abriu a expansão rapida e immediata de todos os protestos, de todas as coleras, cujos reflexos já haviam sido escutados com mais ou menos celesna.

Conjunctamente com o decreto que mandava isolar o Porto, publicava-se uma lei sobre a imprensa, prevendo as atoardas que se popalasses acerca dos casos occorridos, subordinando os jornaes a uma informação hodierna, mediante um toleio official, fornecido por uma das repartições do ministerio do reino.

Esta lei visava propriamente a imprensa de Lisboa, porisso que os jornaes de lá seguiam a corrente das necessidades dos seus conterraneos, sendo todos os periodicos d'aquella cidade desfavoraveis e contrarios a tudo quanto se dizia na capital.

Os jornaes de lá acompanhavam o movimento popular que pelos fins do mez passado era assustador sobremaneira. Succediam-se os comicios, as reuniões. Appareciam, de quando em quando, em Lisboa, os echos de revolta dos portuenses, ora pelos vehiculos dos jornaes, ora pelas vaías e insultos manifestos assignados por cerebros a arder. Quasi no fim do mez, a população, vendo sahir o cadaver de um pestifero, aproximou-se do ferrete e, enchendo-o de lanternas, acompanhou-o, pela noite, ao cemiterio, produzindo assim nas ruas do Porto uma larandola tragica á guisa de marifestação.

Depois, alguns d'esses amolnados (pois que não podiam comprehender que todos os portuenses o fizessem) accorrem á casa onde esta estabelecido o laboratorio municipal e apedrejaram as janellas em signal de protesto contra a figura illustre do dr. Ricardo Jorge que o Porto tem orgulho de possuir, e que tinha assumido n'esses acontecimentos um papel importantissimo, dedicando-se inteiramente ao estudo do mal, procurando combatel-o por todos os meios que a sciencia lhe porporcionava.

Numa reunião, que se realisou nas vesperas do corrente mez, os srs. conde de Samodães, Leopoldo Mourão e Manuel Pestana protestaram energicamente contra o cordão sanitario, remião violentissima, em que o sr. governador civil teve de intervir com a força armada para apaziguamento dos animos exaltadissimos.

O presidente da associação commercial estava em correspondencia viva com o sr. presidente do conselho. Sua Magestade, El-Rei era solicitado, pedido e instado para acudir á desgraçada e afflicta crise que se antolhava.

A manifestação de protesto, que tinha começado pela iniciativa dos representantes commerciaes e presidente da Camara Municipal, estendeu-se, bem depressa, aos lojistas que fecharam quasi todos as



Hospital das Guellas de Pau — Margue e Porto de desinfecção

suas lojas, affirmando por esta forma platonica o resentimento de que se achavam possuidos.

E era, de facto, bem desolador o aspecto da cidade que se via a braços com a miseria proxima, com as suas fabricas sem trabalho, o commercio exterior prejudicado, sem permutas, a industria sem poder dar que fazer a ninguém. Por consequente os commerciantes queixavam-se

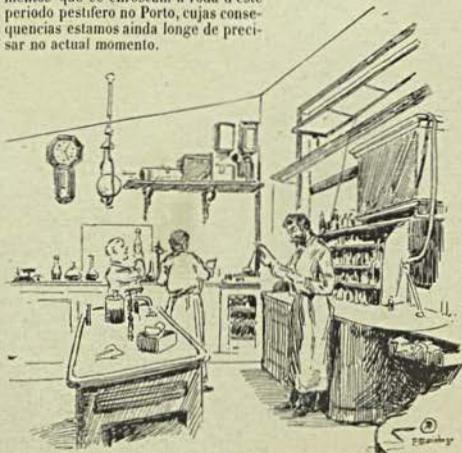
amargamente e os seus querulos gritos tinham grande opportunidade. Em summa, todas as auctoridades civis, ecclesiasticas e militares d'aquella cidade impetravam ao governo, juntando aos seus pedidos toda a boa vontade que lhes era susceptivel.

O sr. D. Antonio Barroso, bispo, do Porto, o sr. archbispo de Braga, mandavam que pelos seus bisposados fossem tomadas, pelos respectivos parochos, todas as providencias de ordem moral que são um grande factor em periodos angustiosos d'esta natureza.

Sob o ponto de vista scientifico, tomavam-se tambem todas as precauções: Uma das casas da Fonte Taurina, aquella de que damos a gravura, foi pasto das channas. O Porto tomava, emfim, um movimento desusado. Os recursos prophylaticos, as desinfecções de certas ruas e beccos succediam-se umas apoz outras. Alguns navios de guerra desarmados foram mandadas ancorar nas aguas do Porto e diversos lazaretos se estabeleceram nas immedições da cidade, alem do hospital das Guellas de Pau, destinado exclusivamente para a recepção dos pestosos.

Do estrangeiro vieram varias summidades medicas estudar a epidemia.

Taes são, em resumo, os acontecimentos que se enroscam á roda d'este periodo pestifero no Porto, cujas consequências estamos ainda longe de precisar no actual momento.



Interior do Laboratorio Municipal do Porto



A queima d'uma casa—O destelhamento



Aspectos do Porto—O interior d'uma «ilha» na rua de S. Victor



Um carro de bois do Porto



A queima d'uma casa—O fogo no seu auge



Aspectos do Porto—Caez do Bicalho

A Questão Dreyfus

A IMPRESSÃO da sentença dos cinco leões do conselho de guerra, na França é muito especialmente no estrangeiro foi desagradável; mal recebido por uns, mal acolhido por outros, esse *verdictum* está longe de satisfazer á grande causa moral que regema da estroada questão.

Mas não era inopinado este desfecho. As últimas audiências tinham mostrado toda a aspereza do presidente Jouhaux com o illustre advogado de defesa, de modo que podia dizer-se nas vésperas que os *martyrs* seriam novamente infligidos os litígios d'uma injustiça extra humana!

O facto era de ordem puramente moral; a sentença, ainda que fosse de um dia, implicava torpezza, incoherência e desregramo de um conselho que tinha assistido ao desfiar da extraordinária meada de falsificações, de infâmias de todo o vulto. Portanto, absolver Dreyfus, corresponderia á condemnação dos fabricios e dos socios de Mercier — Boisdéfré, Gonze, Roget, Zur Linden, Du Paty de Clam, etc.

O conselho preferiu optar pela ignominia de Dreyfus para salvaguardar a deshonra dos accusados pela consciencia brava do mundo inteiro — os quaes atiraram á victima as pedradas que deveriam receber.

Evidentemente seria mais honesto condemnar Dreyfus ao maximo da pena, do que deixar escapar pela malha de uma condescendencia (impossivel de aceitar na esphera da moralidade) os inimigos do condemnado, que, dando-lhe uma sentença qualquer, fariam injustamente ao abrigo da punição que merecem.

Para pouparem Esterházy, Du Paty, e sobretudo, Mercier — a avestana do processo — forjaram uma sentença em que transparecem a tibieza, a confusão do tribunal e á qual se fazem as peiores referencias, contando-se que, para podermos arranjar a maioria (visto que a unanimidade era impossivel), se cacheteou um dos membros que se pronunciava pela absolvição, fazendo-o perseguir até á hora do exercito comprehendido, no castigo que viria, por tabella, a muitos dos seus chefes e outras coisas patrocinaes.

Esse militar, essa consciencia precitante (que se confessou coaceta, apesar de assignar as *circumstancias attenuantes*) obrigou assim o conselho a formular um *verdictum* curioso, iniquo e contraproducente.

E assim foi que a hora do exercito, — decerto uma hora especial... se apurou na analumina d'estas porções pesadas, rebolando-se, cada vez mais, no tremedal nojo, em que se ha de afundar de todo, apesar da tal hora classica!...

A questão protela-se, as campanhas, as dissidencias de toda a sorte têm agora um pequeno patamar no galope infrene que as levava a toda a bridade da ledeira da Iniquidade, da Injustiça.

Dreyfus assignou o recurso de appellação e a lucta prepara-se de novo. Não se apuro ainda o lado philosophico d'esta questão, nem se poderá colhe-lo, enquanto subsistir o objectivo da lucta. Este estagnamento transitorio é um pronunciamento de mau agouro para França; as paixões fermentadas hão de perspectivar-se, os odios politicos sobrenadando, continuando a envolver um *martyr*, sobre o qual se despejam, sem motivo, os descontentamentos dos nacionalistas, as ambições rapaces dos reaccionistas, as lumnidices dos coarctistas e os retrogrados e mesquinhos rancores dos antisemitas.

O governo temeu-se de um pelotão de *chavirins* grotescos e empalhados de vaidade. E coisa bem singular uma nação sentiu um exercito para sua defesa e tem n'elle, ao mesmo tempo, a cabeça de turco, — visio espectral que a obriga a fallar nos deveres supinos de humanidade perante os demais paizes!

E eis aqui o motivo porque Dreyfus foi condemnado, a dez annos de detenção, por cinco militares, isto é, uma condemnação de maioria e não de unanimidade.

Os indigetes banas, que se poseram em flicco ao redor da questão Dreyfus, influíram, sem duvida, no resultado d'elle, porque o governo francez houve a necessidade de contemporizar.

Julio Guerin era um illustre desconhecido antes de ser decretada a revisão e antes do governo tomar energias medidas contra os *complots* dos nacionalistas e dos antisemitas.

Deram-se as mãos estes dois grupos dissidentes, ainda que os intuitos e programmas não fossem commoços para os congregarem de calcabares unidos no fim commum de abalarem o social da Republica.

E Julio Guerin perliou-se mais n'estes acontecimentos porque, infelizmente, em França ha muita facilidade de angariar heroes hebdomadarios — meta tijela em opportunidades politicas que tomam ares de revolucionarios —

Porisso Julio Guerin, — refema comica da rua Chabrol, uma como que victima sem altar, rele e pittoresco, teve a notoriedade e gloria dos heroes de comedia e que folla o ritmo traseco de Offenbach.

Encarulado no Grande Occidente, agremiação estulta que ainda pelaça por archaicos odios de ríca, — principios esquisitos, inadmissivels no allianz quartel d'este seculo, ficará apenas conhecido por odear judeus e por allianz uma dúzia de carneiros de Panurgio á revolta contra a causa humana com o direito e um significativo desprezo, deixando-os pernear á vontade de dentro de reza com toda essa vaidade de captivos, cuja captulação se ha de dar pela foma — em mais energico dos argumentos dos hecides.

Não faltou quem suggerisse ás autoridades a ideia de lhes rescatar o aprico, dando aos sitiados um ataque hyraulico, substituindo a espingarda Lebel pela agulheta de bombeiro...

Este era, com effeito, o mais accedido e liquido modo de proceder para com esses homens, cuja revolta mobica não pôde roçar pela heroidade, nem puchar pelas sympathias cultas.

D'esta irritoria questionela surgiram tumultos lamentaveis como as desordens que se deram nas ruas de Paris no dia 22 do mez transacto, entre as

quese se toinam celebres os vandalismos dos arruaceiros na igreja de Saint-Joseph.

Estas desordens não se guiladaram por caracter altivo; commeteteram pela raiz e pela escoria de Paris tiveram o inconveniente de se insetarem nas manifestações limpidas dos libertarios que procuraram apenas uma oportunidade para platicamente protestarem contra as machinacoes que enredavam a questão Dreyfus e que davam ao Guerin para tomar attitudes de guerrilheiro...

A policia, perseguindo a corja, effectou mais de um cento de prisões, entre as quese se contam as do director e redactores do *Journal du Peuple*, orgão de que é chefe Sebastião Faure.

O illustre jornalista foi accusado injustamente de aggressões brutaes a um commissario de policia gravemente ferido.

Alem dos acontecimentos da rua de Chabrol, onde como é sabido, está situado o Grande Occidente, outros *complots* vieram á supranção, verificando-se que a rede, bem entretecida do orientismo, se espalhava por muitas cidades da França.

O forte de Chabrol com os seus defensores ficou isolado pela policia e a opinio publica em geral voltou-lhe as costas. O facto passou da risota á indifferença e depois dos primeiros impulsos de curiosidade, Guerin ficou só em campo com os seus subordinados.

A rua de Chabrol e as immediações, rua de Hauteville o boulevard Magenta retomaram a circulação habitual, ficando apenas em frente da casa bloqueada um rancho de policiaes de plantão.

Julio Guerin tem lançado mão de vários truques que não fruíram resultado. Içou uma bandeira negra para indicar que a morte parava por cima dos telhados da sua casa, mas a policia viu-lhe o forte e soube que apenas se encontravam lá dentro alguns doentes por falta de limpeza e de hygiene.



Jules Guerin no seu escriptorio da rua Chabrol



Casa da rua Chabrol

Não menos perspectivado n'estes ultimos acontecimentos foi Paul Déroulé, deputado, homem de verdadeiro talento que é chefe da Liga dos Patriotas e confesso republicano plebeuicario.

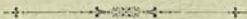
Depois de varias buças domiciliares, pelas quese se está de posse do segredo dos orientistas, Paul Déroulé parece não estar comprometido nesses *complots*, cujo processo cabrá á *Haute-Cour*, tribunal especial só constituído para funcionar em questões graves de conspiração contra a segurança do Estado.

Segundo se infere pelas noticias dos jornaes francezes, o processo affecto, por emquanto, aos juizes de instrução, é volumoso e ha de, quando vierem a lume todas as individualidades incruas n'elle, todos os pormenores da conspiração, perturbar muito o governo francez que soffrerá grandes desluzidas, ao saber que varios generaes e entidades bancarctas esperavam a entrada do duque de Orleans em França com verdadeira ansiedade.

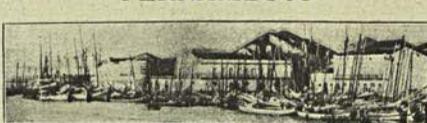
Taes são as principaes consequências objectivadas pela questão Dreyfus no actual momento historico da França.

A *Haute-Cour* irá funcionar de novo. Foi constituída pela ultima vez para sentenciar os boulangistas.

E aqui temos, como a França, tão digna de respeito e de admiração se vê, agora, envolvida n'uma lucta civica que desgraçadamente lhe ha de acarretar muita preoccupação futura.



PERNAMBUCO



Casa da Companhia Pernambucana

MONT'ESTORIL

L 1864, que os arabes apertaram com solidas muralhas, expandindo-se para fora do antigo recinto, depois de soffrer os horrôres do terramoto — *post fata resurgens!* — não contente de se ter lo-cupletado com as construções pombalinas que surgiram por sobre os escombros de palacios, apesar de vaidosa do amplo rio que pode abrigar todas as esquadras do mundo, sentiu a vertigem da grandeza e quiz ir bem longe, ao extremo oeste, beijar as ondas do Atlantico livre, mirar ainda nas nostalgias da decadencia o antigo caminho das caravelas, vêr o sol mergulhar o seu globo de fogo nas aguas do pe-lago immenso.

Succedem-se os edificios, como as ondas sobre a praia, e de quando em quando as modernas construções approximam-se, torneam, assoberbam pelo modernismo do traçado os velhos fortes de uma severa architectura guerreira, já entrada nos recessos da historia.

Os fortes eram sentinellas vigilantes, graças ás quaes a costa teve durante largo trecho defeza eficaz contra as incursões do inimigo navegador, sobretudo dos piratas moiriscos com quem mantivemos uma lucta acesa, de seculos.

Este caminhar incessante da grande cidade no sentido do movimento apparente do sol, que foi o da civilisação ao seguir pelo Me-diterraneo, não podia ser determinado, nem explicado, sem que uma linha ferrea permittisse á locomotiva o fazer hrotar do solo, com o seu silvo estridente, sonhadas maravilhas.

A linha, contornando as collinas que se erguem graciosamente sobre a margem direita do Tejo, parece defender como cinto protector contra as vagas da tempestade uma serie ininterrupta de *chalets* e de jardins.

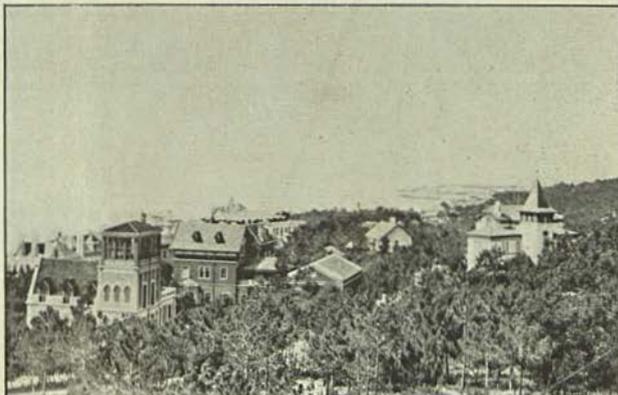
Deixando a tão celebre como celebrada praia do Restello, a Torre de Belem que o Tejo n'uma hora de poesia viu surgir do seu seio, chegamos ao alto da Boa Viagem, onde mais de um lenço branco se agitou para dar o ultimo adeus de partida a audazes maritheiros.

Do lado do sul pelas janellas dos wagons vemos o movimento do porto, as collinas da Outra Banda, banhadas de luz e as aguas do rio, tão perto de nós, que parece sobre ellas traçado o caminho que vamos seguindo.

Alguns metros acima, á direita, passa a



Eduardo Moser, Director da Companhia do Mont'Estoril



Mont'Estoril



Chalet de S. M. e. Rainha D. Maria Pia

estrada, amparada por espessa muralha, protegida de gigantes, pesadello que foi de um contractor a quem o marquez de Pombal prometteu avultada recompensa se lograsse bom exito e no caso contrario... a forca!

Mais longe, em Oeiras, ergue-se altivo o palacio do grande marquez, residencia de *grand seigneur* que, julgando o seu poderio eterno, não podia admitir fim para tão alto, apogeu. Lá se enxergam os vestigios do canal e do entreporto que pretendeu fazer.

A dois passos mais adiante: S. Julião da Barra com as suas lobregas casamatas, falando nos de perseguições politicas, de Freire de Andrade, da occupação ingleza e da dominação castelhana, accusada por'uma lapide na capella e pelos dois lugares: *Gallisa* e *A la Praia*, a quatro kilometros de Parede.

Sómos chegados ao tracto de terreno que, apesar de não ser muito extenso, vae recebendo successivamente as designações: S. João do Estoril, S. Antonio do Estoril, Mont'Estoril.

De tudo isto o que existia apenas ha uma

duzia de annos era o pobre convento de Santo Antonio, no Estoril propriamente dito, o velho pinhal subindo pelo monte, alguns fortes nas margens e miserios casebres onde os enfermos iam banhar-se nas milagrosas aguas chloretadas, cujas propriedades ainda de poucos eram conhecidas.

Do convento reza uma lenda, que ainda não pude apurar, relativa à lucta do marquez de Pombal com os jesuitas; dos beneficos effeitos das aguas minero-medicinaes fallam outras e justo é que assim succeda, porque ainda não houve nascente d'este genero, digna de menção, que a não tivesse.

O terreno arido, queimado pelos sois de estio, inculco, pedregoso, como se nos depara n'alguns pontos ainda, estava bem longe de ostentar os exemplares da flora tropical, que são hoje o encanto da vista e imprimem um cunho de indiscutivel grandeza ao Mont'Estoril, vasto jardim que o inverno não desnuda, cujos arvoredos mal podem conter os olhares de tantas mulheres formo-



Chalet do conselheiro Marianino de Carvalho



Jardim das Palmeiras

sas, as notas do canto e da musica, os aromas das flores.

A verdura estende-se a perder de vista como um tapete sempre virente, mal interrompido pelos telhados pontegudos e occultando sob as suas abobadas espacosas ruas, que se cruzam e desenvolvem permitindo a qualquer hora o accesso a toda a parte ao abrigo dos raios ardentes do sol.

O aleps e o eucalypto portiam no crescimento; a palmeira parecendo cantar um triumpho abre e lança magestosamente no espaço os seus ramos, recordando-nos as nervuras da abobada artesoadada do estylo ogival, que nasceu da floresta.

O ermo em que viram discorrer os seus dias os monges adstrictos ao convento e que parecia malfadado, condemnado a perpetua thebaida, tornou-se um importante centro de civilisação, onde no meio do bulicio da vida moderna, sempre nervosa, sempre febril, sempre agitada, sentimos pulsar o coração de um povo.

De todo o tracto o Mont'Estoril é inconteavelmente a povoação mais rica, mais opu-

lenta e tambem a mais bella, e, posto que nos seus chalets nem sempre se revele o mais apurado bom gosto, o conjunto é realmente encantador. Vaé de oriente a poente, desde o convento ate ao sumptuoso parque, adjuncto ao chalet Palmella, residencia senhorial, cuja elegancia e magestade são orgulho de Cascaes, a flór das nossas praias.

E sobretudo para o Mont'Estoril, que affluem os milhares de pessoas, transportadas diariamente de Lisboa por muitos comboios, metade d'elles rapidos. O fluxo e refluxo dá-se desde a madrugada até altas horas da noite. Estação de inverno de primeira ordem, não vive apenas de uma população adventicia, fluctuante, como a de outras praias, similhantes a vastas necropoles linda a estação balnear, mantem em todas as épocas do anno o mesmo movimento, alimentado quasi pelo mesmo numero de comboios.

A Companhia Real tem sido disvellada-



Casino do Mont'Estoril

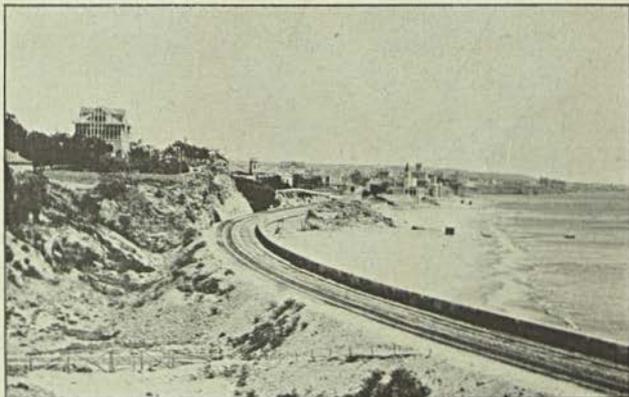


Casino Internacional

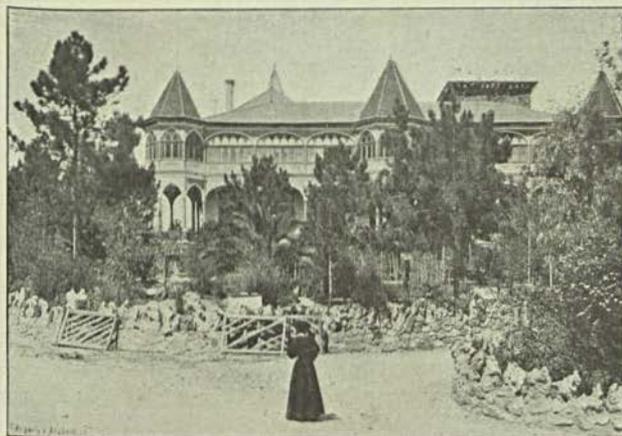
mente um dos principais factores do seu en-
grandecimento e o sr. Eduardo Mozer, o Co-
lombo da titanica empresa, que a companhia
Mont'Estoril levou á pratica pelo cerebro dos
engenheiros, a picareta dos operarios e o óio
dos capitalistas.

Dominando a extensa bahia, a cavalleiro
sobre a alta riba, o chalet da Senhora D. Ma-
ria Pia, erguido sobre um morro de grés,
avista um horizonte immenso. A alguma dis-
tancia o elegante chalet Montrose lança acima
da copa das palmeiras os seus hálçoes e va-
randas, a agulha e os tectos artisticamente
rendilhados.

O Casino semilhante a uma graciosa bar-
raca, espreitando o mar por entre os arvoredos;
o Club Internacional, entregue a uma
promettedora empresa, com o delirio poly-
chromico das suas vidraças, lembrando o quer
seja do oriente e muito do que entre nós
há, n'uma situação esplendida; o chalet do sr.
Mariano de Carvalho, alto como o elevado



Linha ferrea de Cascaes



Chalet Montrose

engenho do notavel estadista, pesado como um
artigo de fundo, e muitos outros, enfim, for-
mam um variegado e interminavel conjuncto,
cheio de luz e de contrastes.

A' entrada de Villa da Praia ao Casino, jul-
gamos-nos n'um trecho de Cintra; não pode-
mos descrever o aspecto pittoresco da rua Ar-
cachon e do Jardim das Palmeiras, que não
são dos menores encantos que se nos depa-
ram n'aquella lindissima estancia.

A' noite, nas noites escuras sobretudo, o
aspecto é muito diverso do que apresenta ao
dia, o gaz e a electricidade rivalisam nos seus
prodigios de illuminação; das janellas abertas,
dos altos postes, brota uma luz vivissima que
tudo inunda. Assim, com este *facies*, o Mont'-
Estoril dir-se-hia nas *Mil e Uma Noites* uma
floresta invadida por colossaes pyrilampos, ou
astros reduzidos a diminutas dimensões, aban-
donando os espaços sidercos, que se deliciam
em vir temporariamente esclarecer os domínios
do deus Pan.

Do lado de Cascaes, desenhando a bahia

n'um traço de fogo, os candieiros da illumina-
ção publica, em que brilha o acetelyne, arranca
scintillações ás aguas dormentes, — sobre que
descançam as velas enroladas, os barcos de re-
creio — estão indicando o caminho a seguir nos
futuros povozmentos da grande cidade que ve-
mos crescer dia a dia.

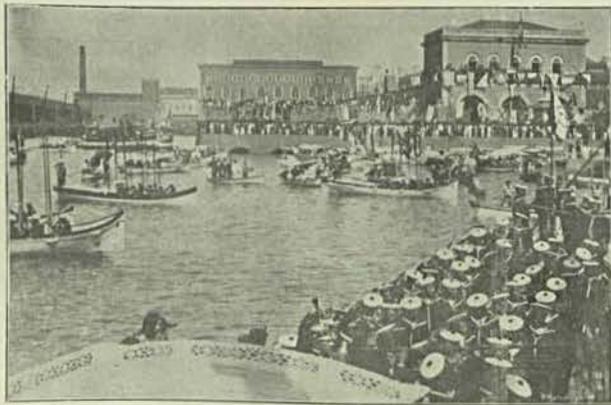
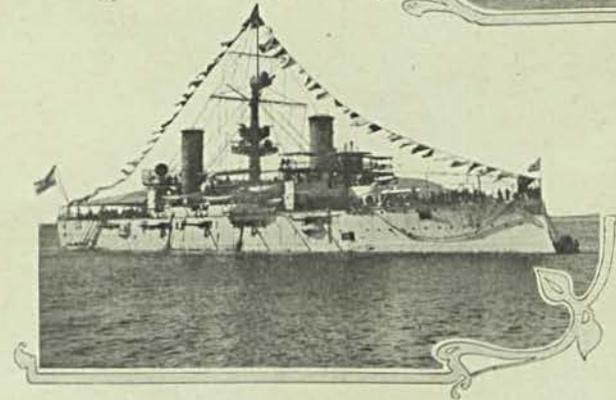
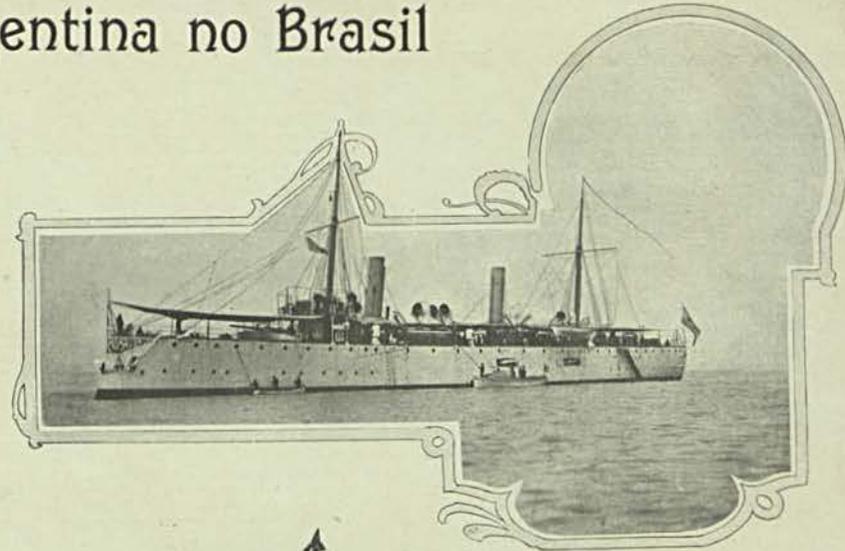
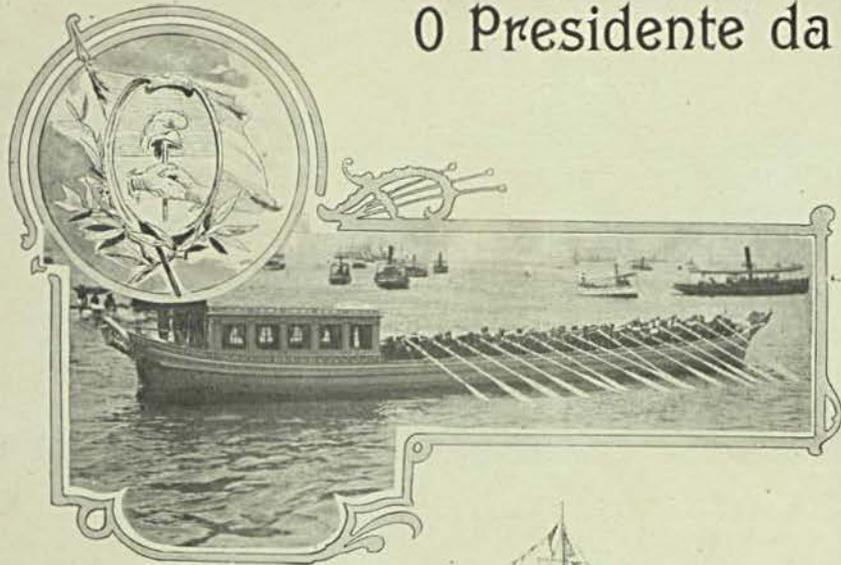
Do lado do norte a serra de Cintra recorta
no azul os elevados pinaros em que se en-
leia uma ou outra ligeira nuvem, franja de al-
gum véo de fadas que o vento agitou ahí.

A montanha e o mar! n'estes limites da
paisagem, o que a natureza tem de grandioso,
casa-se dando novo realce, com os prodigios
da civilização.

L. F. MARREAS FERREIRA.



O Presidente da Republica Argentina no Brasil



Galeota em que desembarcou o general Roca
 Cruzador Buenos Ayres
 Desembarque no Arsenal da Marinha

O GENERAL ROCA

Cruzador Patria
 Couraçado San Martin
 A saída do Arsenal

Excelso throno

Houve em antigo reino um pobre calceteiro,
Que era amado por uma aldeã das mais formosas,
Que tinha o céu no olhar, — filha de um jardineiro:
Do jardineiro sendo a mais bella das rosas.

O Rei, que a vira um dia, apaixonou-se e louco
Mandou-lhe offerecer alfaias de velludo,
Joias de enorme preço e que, se fosse pouco,
Castellos lhe daria e famulos e tudo.

— Nada accetava ao Rei porque já tinha noivo...
(Ao mensageiro real respondeu sobranceira):
Que, sem elle, quizera o funerario goivo
Cingir na fronte, e não a flor da laranjeira.

A' vista d'isso o Rei, de colera possesso,
— Qual faminto jaguar que um cordeiro espatifa,
Mandou vir o plebeu, a quem foi dado ingresso
Nos aposentos reaes de sedosa alcatafia.

E disse-lhe: «Villão, posso dar-te a nobreza:
Por-te a Gran-Cruz ao peito, elevar-te a ministiro:
Mas... abandonarás a amada camponeza.»
— Nunca! responde o vil obreiro, em tom sinistro.

«Terás setins, em vez dos trapos da Indigencia,
Todo o ouro te darei de um nababo...» — Não quero.
«... De principel um diadema e de um throno a opulencia!»
— Despreso tudo!... ajunta o operario severo.

— Sem ella, dae-me o Céu Azul que o não accetto.
So do seu coração eu desejo ser dono.
D'ella o beijo é melhor que uma Gran-Cruz ao peito!
Sem seu amor, de que me serviria um throno?!

— Por ella, real senhor, crimes commetteria;
Matar-vos-ia até! e de o dizer não còro...
Iria á guerra, iria ao fim do Mundo, iria
Aos Infernos, seguindo essa mulher que adoro.

— Diante de mim postae vosso exercito forte:
Que, se a tiver ao lado, hei de affrontal-o firme!
Com seu amor, — o escudo em que resvala a Morte, —
Não podem dos canhões as balas attingir-me!...

— Que eu sorva, — um dia só, — d'essa casta Bonina
O perfume, do Amor em meio dos regalos,
E mandae conduzir-me, apud, á guilhotina
E meu corpo arrastae em caudas de cavallos!

«Que lucro me trará teu supplicio, — responde
O monarcha; que lucro em ver-te esquarterado?
Que me expliques eu quero, unicamente, de onde
Te veiu esse poder de, amando, ser amado.»

«Plebeu, tu, nada tens e eu, tenho tudo: — os mares
De flotilhas coalhado e de mil caravélas;
Lagos, parques, jardins, castellos e alcaçures;
Estatuas de marfim, arcas de ouro e baixelas.»

«Tenho um povo a meus pés, como Cezar em Roma,
E Magos que da Vida explicam-me os arcanos...»
E que tens, tu, pária? E sacudindo a coma,
Disse o moço: — Senhor, tenho apenas vinte annos.

E o Rei foi só então que viu a differença;
Foi só então que viu que a sua Magestade,
Dando-lhe tudo aquillo em que um monarcha pensa, —
Não lhe podia dar, somente, a Mocidade!

E disse: «Tens razão! A excelsa Juventude
No seu cabelo deu-te esplendoroso manto,
E um throno em seu regaço em que reinar não pude!
Monarcha és, como eu sou. Retira-te, portanto.

Brasil

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

EM FÓCO



Dr. Fernando Mendes d'Almeida
Director do Jornal do Brasil
(RIO DE JANEIRO)



Dr. Alfredo da Cunha
Director do Diario de Noticias
(LISBOA)

O mar

Dizem alguns que o mar é monotonico, traiçoeiro, volúvel; que visto uma vez apresenta sempre os mesmos aspectos; que não ha que fiar n'elle; que é uma estrada escabrosa sempre incerta que se não sabe onde conduz e que nos faz soffrer horrivelmente, sem compensações que valham a pena e sempre com enormes canceiras, trabalhos e perigos.

Isto são as opiniões superficiaes d'aquelles que conhecem o mar só por o verem cá da terra, ou dos que estão escaldados por algum grande desastre que tiveram — como se em terra os não houvesse tambem e bem mais terriveis — ou finalmente d'aquelles que só ouviram as queixas e lamentações de outros, avaliando todos com pouco criterio, com pouca attenção e sem imparcial justiça.

O mar é um dos mais poderosos elementos de acção que o homem tem ao seu dispor, sempre aberto a todas as communicações, sempre generoso e grande, embora uma ou outra vez iracundo e levantado em furias que são uma das suas mais grandiosas e formidaveis bellezas.

Para percorrer a terra são necessários caminhos de ferro ou pelo menos estradas, que custam muito dinheiro em construcção e reparações, que são ás vezes postas de parte e substituidas por variantes mais bem estudadas, e tudo sempre sujeito a constantes avarias e ruínas, das quaes a mais insignificante produz ás vezes terriveis catástrophes taes como descarrilamentos, choques em que se dão grandes quantidades de mortes e ferimentos, etc., etc.

Essas estradas terrestres custam dinheiro em expropriações, não tem mais do que a largura estabelecida, precisam de pontes e outras obras d'arte para passar os rios, os valles fundos e os despenhadeiros. Os caminhos de ferro, então, precisam de grandes perfições na construcção, não podem ter menos do que certo raio de curvas, tem que sujeitar-se a determinadas rampas que inda assim custam grandes esforços de tracção, etc.

No mar nenhuma d'essas restricções existe. O mar é uma estrada larga, sem limites, sempre aberta em todas as direcções sempre regularmente plana, embora por vezes temporariamente mal calçada, sempre accessivel, que não exige despezas de conservação que permite a todos transito liberrimo, e de que nenhum homem e nenhuma nação poderão jámais apropriar-se, excepto nos casos muito excepcionaes de mares interiores banhando litoraes de um só paiz.

O mar é feiticeiro e grande, magestoso, surpreendente, sempre servindo a todos, sempre discreto, e não guardando vestigios da passagem do modesto pescador nem das mais poderosas esquadras que o sulcam em todas as direcções audazes e arroquantes, e que se dirigem conquistadoras a toda a parte. É ao mar, a esse maravilhoso agente do equilibrio do globo, da distribuição de temperaturas vivificantes; que os paizes maritimos devem o seu mais temivel poder de expansão, que o commercio deve o seu colossal desenvolvimento; e é pelo mar que Portugal grangeou o victorioso nome que n'outras eras illustrou os seus destemidos navegadores, que lhe deram a facultade de espalhar até aos confins do extremo oriente o renome dos seus feitos e o brilho resplandecente da fé Christiana.

Sem mar, e apenas com estradas ordinarias e caminhos de ferro,

quantos seculos não estaria ainda atrazada a civilisação do mundo; como estariam restrictas e limitadas as relações entre os diversos povos da terra! Como teria sido possivel estabelecerem-se os cabos telegraphicos numerosissimos que hoje envolvem o globo em uma verdadeira rede de communicações instantaneas.

Os aspectos que o mar nos apresenta são sempre variadissimos e as condições meteorologicas que o cercam dão-lhe cada dia feições inesperadas e distinctas que formam como que um colossal kaleidoscopo sempre formoso e sempre grande.

E as cambiantes do tempo, que notaveis e profundas mudanças imprimem na apparencia do mar, na sua cor e até na sua voz! Antes da tempestade quando o ceu farrado de grossas nuvens começa a ameaçar, está o mar vestido de cor de chumbo ondulando em pesados e indolentes vagalhões. Ao desencadeiar-se a tormenta, o mar levanta-se em grandes serras rebentando em flor, coroadas de flocos de espuma e soltando rugidos furiosos. Mas quando volta a bonança e as vagas cahem, o mar espelha-se vestindo-se apenas de pequeninas pré-gas causadas pela brisa suave, doitadas por um sol alegre e sorridente! E o aroma acre vivificante, fortemente iodado e saluberrimo que se exhala do mar, que enria a fibra do marinheiro, o aproxima de Deus e o prepara para todas as acções nobres, grandes e extraordinarias. Como esse aroma fortalece assim physicamente o marinheiro para as luctas titanicas com o mar, e o levanta nas suas crenças pela amuada presenca do perigo de que quasi sempre triumpham.

Dizia ha mais de 50 annos um velho official de marinha, que ainda chegámos a conhecer e que foi um bravo, que um navio resiste com vantagem ao mais furioso temporal que possa surprehendê-lo, comtanto que esse navio esteja em bom estado e bem commandado. E se isso assim era ha meio seculo com barcos de vela muito vulneraveis aos insultos do vento e do mar, o que não poderemos dizer hoje em que o mar é sempre o mesmo, mas em que a architectura naval, as sciencias physicas e especialmente a meteorologia e a hydrographia fizeram tão grandes progressos, e em que a telegraphia electrica posta ao serviço da meteorologia tão incalculaveis e relevantes serviços lhes presta!

Hoje o mar, sem coisa alguma ter perdido da sua grandeza e do seu poder, está comtudo tão conhecido e devassado nas suas correntes, na natureza dos seus fundos, nas suas temperaturas, na sua flora e na sua fauna, que cada vez mais dedicadamente serve o homem na sua constante e irrequieta expansibilidade universal. Os navios modernos de aço, com as suas machinas potentes que lhes imprimem extraordinarias velocidades, com o seu complicado organismo interior que faz d'elles verdadeiras e phantasticas cidades fluctuantes, cortam os oceanos em carreiras periodicas, chegando aos seus destinos com toda a regularidade e zombando das furias do mar, o qual em condições normaes nenhum damno lhes pode causar, e que mesmo nas anormaes se acha para assim dizer subjugado, disciplinado e forçado a prestar ao homem os seus incalculaveis, multiplices e admiraveis serviços.

O mar é realmente feiticeiro: sublima na sua colera raivosa, poetico nas suas fagueiras demonstrações de amor, espelho dos ceus na sua immensidade, o mais colossal exemplo dos poderes complexos da natureza, e o inspirador de todas as acções grandes e generosas de todos os sentimentos nobres e altivos!

AUGUSTO DE CASTILHO.

FUNCHAL



Vista geral da cidade e porto

BRASIL—PORTUGAL

Impresso na typ. do Commercio
TRAVESSA DO SACRAMENTO AO CARMO, 3 e 7

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Editor — LUIS ANTONIO SANCHES
Redac. e administr. — R. IVENS, 52 — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	(moeda brasileira).....	Anno.....	7\$000	Anno.....	8\$000
Numero avulso	2\$500	6 mezes.....	4\$000	6 mezes.....	4\$500
		3 mezes.....	2\$000	Numero avulso.....	5\$000
		Numero avulso.....	3\$400		

SUMMARIO

Chronica electrica — BRASIL PORTUGAL.
O presidente da Republica Argentina — PISTO DE CALVALDO.
A escola de D. João VI.
A Ponte — A. M. DA CUNHA BELLEM.
A peste no Porto.
A questão Dreyfus.
Mont'Estrell — MARISSAS FERREIRA.
Excelso theatro — VILHOS DE EGÓPIO DE MAGALHÃES.
Em Fogo — DESBRANS DE CELSO HERMILIO.
O Mar — AUGUSTO DE CASTILHO.
Thea fos — ANIL BOTASSO.
Bibliographia.

Páginas supplementares

Agentes no Brasil.
A esquadra argentina.
Economia Domestica.
Recetas.
Horas d'octo — F. A. DE MATTOS.

47 ILLUSTRAÇÕES

AGENTES NO BRASIL

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes nos diversos Estados do Brasil:

RIO DE JANEIRO (provisoriamente) João José da Silva Lima.
PERNAMBUCO — Leopoldo A. da Silveira.
PARÁ — Manuel Ferreira Santos Junior (casa Very-Well).
MANAOS — Lino Aguiar & C.
MARANHAO — Leoncio J. de Medeiros & O.
CEARÁ — Salles Torres & C.

A Empresa BRASIL-PORTUGAL espera dentro em pouco completar a relação dos seus correspondentes em todos os outros Estados.

Com elles se poderão entender directamente todos os srs. subscriptores d'esta publicação, no Brasil.

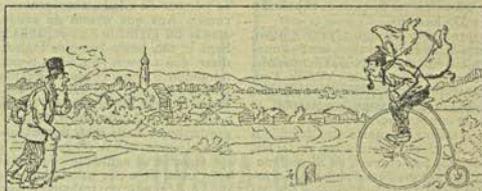
A esquadra argentina

O cruzador couraçado *General San Martin*, foi construido pela casa Orlando Irmãos, de Livorno, a mesma que fabricou o nosso *Olamastor*. É uma magnifica embarcação de guerra. Mede 100 metros de comprimento entre perpendiculares, fora a espessura da couraça, tem 18,71 de bocca, 12,19 de pontal, 7,10 de immersão media normal, e 6.882 toneladas de deslocamento. O casco é de aço, com duplo fundo cellular parcial, dividido em 15 compartimentos estan-

ques. A protecção consiste em uma cinta couraçada da espessura maxima de 15 centimetros, que vae de pópa á proa, alta, de 2,75 e tendo o bordo inferior a 1,50 abaixo da agua; na parte central, a cinta eleva-se até ao convés superior alim de formar um reducto cerrado nas extremidades, entre a coberta e o corredor, por anteparos de 12 centimetros. Um convés couraçado de 37 millimetros de espessura corre de pópa á proa; além d'isso, o convés superior sob o reducto é revestido de uma chapa de 40 millimetros, e o do corredor, fora do reducto, de uma chapa de 20 millimetros.

As couraças de aço nickelado foram feitas em

VANTAGENS DO CYCLISMO



Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

Terni pela *Sociedade dos Altos Fornos*, com processo especial de cimentação analogo ao systema Harvey.

O armamento d'este forte coraçoadado consiste em quatro canhões de 204 millimetros, situados nas extremidades do reducto pela parte interior das anteparas; dez canhões de 15 centimetros collocados no reducto, em bateria; seis canhões de 12 centimetros no convés superior; dois de 9 centimetros nos convés inferiores; dez metralhadoras Nordenfiet de 37 millimetros, dois canhões de desembarque de 75 millimetros, duas metralhadoras de 75 millimetros e quatro tubos lança-torpedos. A artilheria grossa sahú das officinas da casa Armstrong de Pozzuoli, toda do ultimo modelo *fio de aço*; os torpedos foram fornecidos pela casa Whitehead, de Fiume. O rapido serviço do muniçionamento da artilheria é assegurado por dezais elevadoras verticaes e inclinadas, munidos dos respectivos motores á má e electricos, construidos nas officinas de Savignano. O movimento das torres obtem-se mediante certos aparelhos electricos combinados em mecanismos á má para as mudanças de velocidade.

A installação electrica para illuminação, transporte de energia, serviço da artilheria e dos projectores, consiste em cinco dynamos de corrente continua de 300 ampéres e 80 volts directamente conjugados por machinas verticaes Compound, sendo duas em cima e tres em baixo do convés coraçoadado. Dispõe de 700 lampadas e quatro reflectores de 16 lampadas para a illuminação exterior, cinco projectores do tipo Shukert, com espelhos parabolicos, dos quaes um está no mastro e quatro estão na bateria.

O aparelho motor consiste em duas machinas verticaes de tiragem expansão e oito caldeiras cylindricas. Desenvolve a força de 8600 cavallos com tiragem natural e de 13.000 cavallos com tiragem forçada. As provas de velocidade deram 18 nós com tiragem forçada. A tripulação é composta de 535 homens.

O cruzador-protezo *Buenos-Ayres* é novo, porque foi lançado ao mar em 1895, sendo construido nos estaleiros de Armstrong e Companhia, em Elswick, sob o risco de Mr. Philip Walls. Tem 142 metros de comprimento, 16 metros de bocca, 6 metros de calado medio e 4.740 toneladas de deslocamento. O convés coraçoadado é de 125 millimetros de espessura, na parte que defende o machinismo, e de 75 millimetros nas restantes.

A torre é protegida por coraçoadas de 45 millimetros. A força das duas machinas motoras, accionando cada uma seu propulsor, é de 17.000 cavallos indicados, desenvolvendo a velocidade de 24 nós com tiragem forçada e de 22 nós com tiragem natural na milha medida. O navio tem o casco de aço, o forro de madeira e dois masts de combate. Os seus meios de defeza, que são respeitaveis, consistem em 3 canhões de tiro rapido (systema Armstrong, oito pollegadas), protegidos por escudos coraçoadados gigantes, 4 de seis pollegadas, em bateria central, 12 de 47 Armstrong, nos flancos da bateria, 10 de tres libras, tiro rapido, e 8 de uma libra, tiro rapido. D'estes ultimos, quatro acham-se montados nos cestos de gavia militares. Além do armamento citado, conta 5 tubos lança-torpedos. A tripulação compõe-se de 330 homens.

Resta fallar do cruzador-torpedeiro *Patria*, lançado em 1893 dos estaleiros de Mr. Laird. Este navio apresenta 76 metros de comprimento, 6.740 de bocca, e 3.760 de calado. Desloca 1.183 toneladas. As suas machinas duplas accionam duas hélices, e desenvolvem a velocidade de 17 nós com tiragem natural e 19,5 com tiragem forçada. O armamento compõe-se de dois canhões de 47 Armstrong, tiro rapido, quatro de oito libras, dois de tres libras Nordenfiet, duas metralhadoras e cinco tubos para lançamento de torpedos Whitehead. A sua tripulação prefaz um total de 150 homens.

Taes são os navios da frota, que escoltou o illustre presidente da Republica Argentina na visita amistosá, que acaba de fazer ao Rio de Janeiro.

ECONOMIA DOMESTICA

A panela da carne

Uma das cousas que mais arraigadas estão nos nossos costumes nacionaes, o prato portuguez por excellencia, é a sopa e o cozido. O portuguez de raça olha com desprezo os pratos con-

dimentados da cozinha franceza e não acha iguaria melhor nem mais substancial que a bella sopa e a boa posta de carne cozida que faz o caldo para a sopa. Ora é preciso saber-se que este costume é tão francez como portuguez, e para nós facilmente levamos a convicção aos nossos compatriotas de que tal costume é prejudicial á nutrição e ao estomago, vamos dar-lhes conhecimento da opinião de dois escriptores francezes a este respeito.

Um d'elles, o sr. Lenseux, diz o seguinte: «O uso do cozido é uma exaggeração dos nossos habitos nacionaes. Nós não só comemos pouca carne, mas até essa mesma a cozemos a tal ponto que fica reduzida a liquido toda a parte nutritiva, não sendo o resto mais que uma massa indigesta. O estomago recebe o caldo, alimento já quasi totalmente preparado, e com a absorção do qual elle pouco ou nada tem que trabalhar. Mas em compensação tem que empregar grandes esforços para moer o cozido que tão poucos elementos oferece de nutrição para reparar as nossas forças corporaes. Felizmente o habito, que é de segunda natureza, tem diminuido o perigo d'esta irracional alimentação. Mas quem pode dizer até que ponto se tem emfracuado com ellis o orgão da digestão nas gerações actuaes, e qual a parte d'este habito de desleixo ou de ignorancia das verdadeiras noções hygienicas na produção das numerosas doenças das vias digestivas de que tanta gente se queixa?»

O outro escriptor é o sr. Crueveiller, que, vendo t-vez á impossibilidade de romper de vez com o inveterado costume, dá o seguinte conselho:

«Se tentes tanto apego á sopa e vacca, fazei ao menos o caldo fraco e deixai á carne a maior parte possivel dos seus succos nutritivos. Os caldos de substancia, dai-os ás creanças debéis, ás pessoas de idade, aos doentes, aos convalescentes. Aos que gosam de saúde, dai a carne assada ou grelhada e acompanhada de legumes. Sem ir tão longe como os inglezes, que a bem dizer não comem pão, lide a pouco e pouco diminuindo o vossó consumo d'este genero, e augmentando sem accrescimo de despesa a alimentação pela carne. Dentro em pouco achareis a differença. A primeira vantagem será não engordardes, e é ella mais importante que se imagina. Depois veréis os musculos augmentarem de vigor e de agilidade com o exercicio. O estado geral de saude irá melhorando de dia para dia, e achareis no trabalho manual mais uma distracção que uma fadiga.»

RECEITAS

Lingua de vacca estufada.

Escalde-se a lingua e dê-se lhe meia cozadura na panela. Tire-se do fogo, pelle-se e lardeie-se com toucinho gordo. Deitem-se em uma çaçora algumas cebolas e cenouras cortadas em rodas, e ponham-se uma ou duas colheres de carne e duas fatias de toucinho. Colloque-se sobre isto a lingua, cobrindo-a com outra fatia de toucinho, cebola em rodas, pimenta e sal. Tapa-se bem a çaçora, e deixa-se suar em lume fraco. Deite-se-lhe depois alguma agua ou caldo e ponha-se a cozer a fogo lento. Corida a lingua, desengordura-se o molho e serve-se, guardando com o que se queizer.

Como se faz vinho velho.

Dá-se ao vinho novo o sabor de vinho velho, deitando-o em garrafas que tenham servido a este ultimo, tendo o cuidado de as deixar mal cheias. Rolham-se as garrafas e mettem-se, até o gargalo, em agua quente, conservando-as ahí por espaço de uma hora. Depois muda-se o vinho para outras garrafas, rolando-as convenientemente. Esta burla, innocente e inofensiva, é muito usada por alguns negociantes da Italia, que vendem vinho novo, como tendo dez ou doze annos, sem que os proprios entendedores conheçam o logro.

Destruição dos ratos.

Todos os meios conhecidos para exterminar os ratos são perigosos, visto como geralmente se empregam materiaes venenosos cujos effeitos podem reflectir-se nas pessoas. O processo mais engenhoso e que nenhum perigo offerece, é o de cortar em pequenas tiras, pedaços de esponja frita em azeite ou em sebo, tendo o cuidado de não a deixar queimar. A avides dos ratos para as gorduras faz os ingerir as tiras de esponja, que no estomago entram de lhes absorver os succos, matando-os immediatamente.

Cimento para loça.

Bate-se a clara de um ovo até adquirir a maxima consistencia, e deixa-se em repouso algum tempo. A espuma vae-se liquefazendo a pouco e pouco, e n'esse liquido amassa-se uma pequena porção de cal viva, que se applica immediatamente aos dois pedaços que se pretendem col-

Nova sapataria da moda
Victor Gomes & Pedroso
 Prêmios na Exposição de Paris de 1889
 47, Rua de S. Nicolau, 49
 prêmios na exposição
 231, R. de S. da Bandeira, 233
 1ª Alameda Pedreira, Caixa postal 24

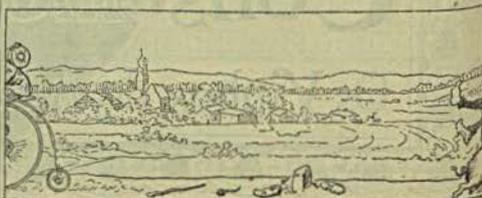
MANUFATURA DE CALÇADO
 EM TODOS OS GÊNEROS
 Exportação para o Rio de Janeiro, Bahia
 Depósito geral - R. de S. do Imperio, 108
 67, R. de S. Nicolau, 65

VANTAGENS DO CYCLISMO

III



IV



lar. Se o objecto está partido em mais de dois pedaços, é preciso fazer novo cimento para cada um d'elles, pois este preparado secca tão depressa, que não dá tempo para collar dois pedaços de cada vez. Sendo o cimento bem applicado e a tempo, os objectos concertados ficam tão solidos que resistem á agua e ao fogo, e quando chegam novamente a quebrar-se nunca é pelas juntas colladas.

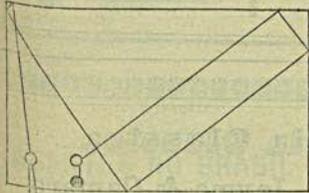
Pomada para amaciar a pelle.

275 grammas de tutano de vacca, deixar mergulhar durante dez dias em agua, que se renova duas vezes por dia. No fim d'este tempo, fazer ferver o tutano em agua de rosas e collocar esta mistura n'um vaso em que previamente se deitaram 13 grammas de pó de flores de benjoim, 13 grammas de estoraque, e 20 grammas de noz moscada e cravos da India em pó. Tapar então o vaso, que deve ser de preferencia um frasco de bocca larga; mergulhar n'um banho-maria; quando todas as substancias estiverem derretidas, agitar para misturar bem. Deixar esfriar e empregar esta pomada em fricções ao deitar.

Horas de ocio

O BILHAR

Carambolas de phantasia



Charadas em verso

A primeira é animal
que o leitor conhece bem, 1

Com virtudes curativas,
segundo me dá algum, 3
Que é planta outro d'isto,
e não sei se com razão... 3

EMERETINA DE MATTEO.

Lá por um sempre girar—1
não me julguem um bilhar—2
Que digo eu... não façam caso
que isto é uma brincadeira.

Charadas novissimas

Zombo do deficit causado pela humanidade.—2, 1
Casta e anda a correr.—2, 1.
N'esta cidade, domingo e 2.ª feira, vêo um homem corruptível.—2, 2.
Apanha esta nota no sapato.—1, 1
Apanha antes de sol cheta ou vaia.—2, 1
Antes do rei ha um homem n'esta cidade.—1, 1.
De madrugada é conhecida em cidade do Porto.—2, 2.
Este imperador romano tem o nome na botânica.—2, 1.
Na descoberta da cruz d'Africa distinguia-se este navegador.—1, 2.

Carta enigmatica

Ex.^{tas} Sr. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8.

Cooheço muito bem a primeira terra do 7, 5, 6, 2, 8, todavia agradeço a v. ex.^a o 7, 8, 4, 5, 6, 7, 2 que me mandou pelo 1, 8, 3, 2 de que crendo 4, 8, 1 e digo 1, 8, 3, 2 por que o d'ouzo casr no 7, 6, 8 deendo em pessimo estado. Se eu fosse fere qual 3, 5, 7, 2, punha-o em frente de um 1, 8, 7, 4, 5, 6, 7, 2, e não lhe conto nada... Paria o 4, 6, 7, 8 e eu ia para um noo 7, 5, 4, 6, 7, 2 aforar as magoas pelo crime cometido.

De V. Ex.^a

Criada obrigadissima
Emmeretina de Matteo.

Enigmas

(Novecentos)

Q	T	N	T	O	N	S	E
1	2	3	2	1	2	1	4

Proverbio

Decifrações do n.º 40 do BRASIL-PORTUGAL

Da carta enigmatica—Sawaria,
Das charadas novissimas—Bajpa, Polpo, Pirata, Anna, Maria, Antillano, Caspio, Cimarar, Demontabad, A adima, Contradage.
Das logographias novissimas.—Mais este um tomra que dois te dardé—Cuma de chdo é cum de clo.

Rectificações ás Horas de Ocio do n.º 40 do BRASIL PORTUGAL

A 8.ª casa das iniciaes do primeiro logographo novissimo, deve presenchar-se com um O, a 7.ª com um E, a 2.ª com um B, e a 2.ª das algarmas com o algarmo B.
No segundo logographo novissimo, 3.ª casa e na linha das iniciaes deve estar um A.

Correspondencia em miniatura

Como é isto? (Lisboa).—E' facil a resposta: diabruras das ar compositoras, e que se esquivaram á revisao. Não chega a ser de ocio e' esquivado o seu alvitre, mas é quasi, portanto (emos conversado. Coniente se com as rectificações que hoje publico.
E. S. (7) — Muito obrigado. Sinto que v. sr.º occulte o seu nome e morada.
Pouso assegurar-lhe se de hora a hora Deus melhora, se preparo me para melhorar numero a numero esta scripto, tornand-o a cada vez mais interessante e variada.

F. A. de Matteo.

GUAS DE CARABANA

PURGATIVAS SEM IRRITAN, DEPURATIVAS, ANTI-CULOSAS, ANTI-HEPATICAS E ANTI-ESCROFULOSAS

12 MEDALHAS D'OURO e 10 DIPLOMAS D'HONRA

Todas as garrafas levam um rotulo com a firma dos unicos depositarios para Portugal lhas e colozias *Alves e Costa*

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Depozitario: **RIEIRO DA COSTA & C.^a**
150, Rua do Arsenal, 152—LISBOA

LIVRARIA TAVARES CARDOSE & C.^a PAPERARIA ENCADERNACAO

TYPOGRAPHIA

LIVRARIA UNIVERSAL

Rua do Cons. João Alfredo

Telephone—300 Caixa Postal—87

Granda deposita
De livros em brochura, directos de escriptos, artigos para presentos, memoriaes, etc., etc.

Casa fundada em 1809
PARA-BRASIL AGENTE
F. de Queiroz & C.^a
Manãos

LUVARIA GATOS

268, Rua Aurea, 270 LISBOA

LUVAS E GRAVATAS PREÇOS BARATISSIMOS

Remette-se catalogo e colleccão A quem requisitár

Marcas registadas

Gatos-Peixes

RESTAURANT AMERICANO

P. C. DE VASCONCELLOS

J. de S. Matthews, 24—PARA

Servico de primeira ordem. Acompanhamentos luxuosos para visitantes. Acozto extremo. Iluminacao electrica.

TODOS OS CONDOMIOS

Sapataria Luso-Brazileira de Francisco d'Oliveira successor

Antigamente: Moreira Bastos & Fonseca

Calçado de luxo para exportação

FABRICO EXCLUSIVAMENTE "MANUAL,"

93, RUA DO OURO—LISBOA

